

Por Armando Jorge Lopes
Professor Catedrático, em 21/12/2016

Tratou-se de uma rica e emocionante experiência a que vivi de 24 de Agosto a 23 de Setembro de 2015 quando orientei em São Paulo um curso de pós-graduação aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em estreita colaboração com a Escola de Altos Estudos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em articulação com a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e a Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL).

Interagir com outros povos e culturas, mesmo quando falam a mesma língua, permite obter perspectivas diferentes que nos ajudam a libertar de preconceitos, muitas vezes construídos culturalmente ou pelas distâncias oceânicas. Em meu entender, o programa da CAPES constitui um meio extremamente valioso para unir académicos e cientistas, superando assim as barreiras da geografia e do conhecimento mútuo, criando amizades duradouras e permitindo a partilha de ideias e a criação de oportunidades para futura colaboração. A CAPES e as Professoras responsáveis pelo Projecto corresponderam às expectativas que o programa impunha. Reitero, pois, os meus agradecimentos às colegas Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos da UPM, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos da PUC-SP e Sueli Cristina Marquesi da UNICSUL, os quais são ainda extensivos à Regina Pires de Brito da UPM, Nancy Arakaki da PUC-SP e Patrícia Di lório da UNICSUL pelo apoio que prestaram à Professora Neusa no acompanhamento directo das aulas, garantindo assim o seu sucesso.

O curso intitulado *Língua Portuguesa e Lusofonia: A Construção de Política Linguística em Países Multilíngues e Multiculturais* abarcava essencialmente **três frentes** envolvendo a ciência da Linguística Aplicada, a saber: o conceito transdisciplinar da língua portuguesa no contexto da lusofonia e do mundo, em geral, às terras tupiniquins; a coerência pragmática, estilística e retórica e as marcas da interacção no texto escrito; e a abordagem macrolinguística a um Léxico de Usos Idiomáticos.

Sobre a primeira frente, destacámos que uma língua não é uma parte isolada de um sistema ecológico complexo, mas sim, e necessariamente, parte integrante do mesmo. Que o

sistema ecológico do Português se estende através dos estados africanos de língua oficial portuguesa e penetra nos estados e comunidades de língua portuguesa espalhados pelo mundo – não apenas os estados que empregam determinados modelos nativos de língua (casos de Portugal e do Brasil), mas também as regiões e comunidades como as de Timor Leste, Macau, Goa, Damão e Diu, faixas ao longo do estreito de Malaca e comunidades dispersas por diversos pontos do globo. Ao reconhecer que o Português é uma língua pluricêntrica, não idêntica nas suas variedades metropolitanas, e ao reconhecer que cada um dos centros cria uma pressão na direcção da sua variedade – não apenas lexical, mas também fonológica, morfológica, sintáctica e discursiva – e que estas pressões se aplicam tanto diacrónica como sincronicamente, deduzimos logicamente que as influências do Português sobre as variedades emergentes do Português dos cinco estados africanos e sobre as línguas indígenas neles faladas, bem como sobre as restantes variedades pertencentes ao mundo lusófono são extremamente complexas. Em nossa opinião, o cerne dessas influências linguísticas e outras parece residir ao nível dos *registos* de uma língua, conceito-chave neste tipo de estudos.

Procurámos levar os alunos a compreender melhor o potencial impacto que certos factores podem exercer em situações multilíngues como Moçambique, em particular a questão dos registos. Parece que a influência de uma determinada língua sobre outra língua qualquer depende essencialmente dos registos que ocupa. Se uma língua externa capturar um registo-chave (p. ex., língua utilizada em casa, língua religiosa *etc.*), a língua interna fica em perigo. E desde que os registos-chave se mantenham na língua portuguesa e/ou línguas bantu de Moçambique, é muito pouco provável que a língua inglesa possa vir a ter um impacto significativo no país, assunto ventilado na imprensa num passado já distante e que preocupou parte do mundo lusófono. Mas caso o inglês conseguisse capturar alguns registos-chave, então a língua portuguesa e/ou as línguas bantu ficariam em risco. Os registos de certos rituais religiosos em Moçambique têm sido parcial e gradualmente capturados pelas línguas bantu ao Português. Os registos do negócio no mercado formal têm sido gradualmente capturados pelo Inglês ao Português. Os registos do negócio no mercado informal têm sido gradualmente capturados pelas línguas bantu ao Português. Mas os registos da administração, educação formal (a educação bilíngue nas nossas escolas primárias começou recentemente) e dos meios de comunicação de massas têm sido mantidos exclusivamente ou quase na língua portuguesa. Enquanto o controlo destes registos se

mantiver em Português, ou eventualmente partilhado entre a língua portuguesa e as línguas bantu, não vejo como o Inglês pode vir a substituir o Português em Moçambique. É claro que, tal como já foi ilustrado, existem relações semelhantes em termos da luta pelo controlo dos registos entre a língua portuguesa e as línguas bantu. Duzentos e cinquenta milhões de falantes no mundo tornaram a língua portuguesa numa língua pluricêntrica e dinâmica, criando-se assim pressões que actuam em todas as direcções no seio do bastante amplo sistema ecológico do Português. A língua portuguesa em Moçambique ou no Brasil é necessariamente parte (não uma parte isolada) de um sistema ecológico complexo, que se amplifica através de diferentes estados e comunidades que falam Português na Europa, América, África e Ásia.

Por outro lado, foi importante relacionar, durante as aulas, o conceito de registo com o de estilo, conceitos associados mas distintos, definindo-se *estilo* como variação na fala ou escrita de uma pessoa e que habitualmente varia do informal e coloquial ao formal, de acordo com o tipo de situação, tópico e destinatário. Eu creio que enquanto o aluno não souber estabelecer as devidas ligações entre as formulações linguísticas em forma de palavras, sintagmas, co-ocorrências lexicais ou marcadores discursivos, por um lado, e o pano de fundo ou invólucro em que essas formulações ocorrem, por outro, dificilmente ele será capaz de activar com sucesso contextos, associações, sequências *etc.* O pano de fundo ou invólucro é a linguagem especializada e restrita – o domínio do registo. Julgo mesmo que é devido à falta de articulação entre este tipo de linguagem e o respectivo registo que os alunos não compreendem textos simples e não conseguem escrever trechos adequados relacionados com, por exemplo, o seu quotidiano – a realidade que porventura lhes é mais próxima. Por outro lado, a não aprendizagem adequada dos registos de língua tem implicações adicionais negativas no que diz respeito ao desenvolvimento global da competência na criança e no jovem, incluindo o estilo; assim, dificilmente, desenvolverão o estilo na fala e na escrita, em termos das *nuances* coloquial e formal.

Quanto ao enfoque na segunda frente do curso, concentrámo-nos em práticas de coerência pragmática, estilística e retórica, incluindo procedimentos de progressão temática linear do texto, progressão temática com tema constante e tema derivado, e progressão temática por via de um rema subdividido, de molde a sermos levados para o mundo articulado dos encadeamentos lógico-semânticos, sintácticos e pragmáticos no seio da frase, do enunciado e do discurso. Neste

exercício, revelou-se fundamental o ensaio com marcadores discursivos para a formalização das relações da condicionalidade, causalidade, temporalidade e mediação; um sub-tópico a destacar aqui foi o assunto da *argumentação*, com práticas em torno da conjunção, disjunção, contrajunção, explicação, comparação, generalização e contraste. Por fim, registaram-se práticas relacionadas com as marcas de interação no texto escrito, sobretudo envolvendo *genre* textuais como a enumeração, o relato, a recapitulação e a hipoteticalidade, e funções retóricas como a descrição e a classificação e mecanismos da coesão textual como a referência e a conjunção.

Sobre a terceira frente do curso, partimos do *Léxico de Usos Idiomáticos Português- Inglês-Xichangana* para explorar a importância da contrastividade linguística e da transculturalidade entre formas comunicativas do ser e do estar de diferentes povos, registrando entre si vários denominadores comuns. O esforço de análise, embora ainda modesto, requer a continuação de amplas e múltiplas reflexões sobre o mundo das competências e habilidades transculturais e translinguísticas (LOPES, 2014) que diferentes aprendentes e utentes de língua têm demonstrado e que continuam a adquirir para funcionarem na sua língua e na sua cultura (intralinguismo e intraculturalismo) e, ainda no caso de Moçambique, também na língua e cultura que aos moçambicanos lhes é mais próxima de forma continuada, que é o Português, língua oficial (interlinguismo e interculturalismo). São necessários mais e muitos estudos contrastivos, abarcando também, naturalmente outras línguas bantu de Moçambique, contrastando três ou mais línguas. Ao discutir a dinâmica e mecânica do translanguismo e transculturalismo, é necessário entender melhor (e continuar a pesquisar) o que os comunicadores, os alunos, os que gostam de línguas, os especialistas das ciências de comunicação, os docentes, os intérpretes e tradutores, e os jornalistas realmente fazem quando comunicam com sucesso, articulando o conhecimento partilhado do código linguístico, conhecimento partilhado de convenções retórico-discursivas e o conhecimento partilhado de dimensões não-linguísticas da experiência, incluindo a sua visão do mundo.

Em nosso entender, não há lusofonia sem partilha, sem interpenetração dos falares e das culturas dos falantes e escreventes da língua portuguesa. E dificilmente haverá lusofonia, se não nos despirmos do habitual *ensinar* priorizando no seu lugar o *insinuar*, como fez questão de sublinhar o cientista social Kitoko-Nsiku (2016) durante a recente apresentação desta obra de

referência ao público. A julgar pelas propostas de pesquisa dos pós-graduandos e pela avaliação escrita que fizeram do curso parece ter sido esse o espírito que presidiu à interacção entre todas as partes, entre quem geriu o curso e quem por ele foi gerido: das doutorandas Nelci Vieira de Lima e Wemylla de Jesus Almeida, passando pelos pré-doutorandos Victor Matheus da Costa e Victor Hugo Vasconcelos, passando pelos mestrandos Maria Angélica Sales [a infelicidade discursiva na comunicação social], Mariana Menezes e Tales dos Santos [o preconceito linguístico], Ricardo Toniele [a Análise Contrastiva e a tradução na Bíblia], Ivaneide Sena e Paulo Plácido [expressões idiomáticas e a Análise Contrastiva entre o Português e o Inglês Americano], Wagner Aquino Ferreira [as línguas indígenas como parte da construção nacional], Ana Paula Galli Gonçalves [Análise Contrastiva Discursiva entre um conto popular brasileiro e um moçambicano], Marcelo Pina Aragão [contraste entre dois modelos de prova de proficiência em Português 2014 para estrangeiros], Jeter Gomes Santana [influências lexicais de outras culturas] e ainda a Isabel, o Carlos, o Marcelo, a Bárbara e a Priscila, com quem tive menos contacto.

Foi para mim um enorme prazer e um desafio ter trabalhado com os alunos as programadas 48h de aula directa e outras horas extra-aula, como complemento de estudo, e gostaria de pensar que fui capaz de lhes insinuar diversos caminhos...

Referências bibliográficas

KITOKO-NSIKU, E. Apresentação da obra *Com Todos os Efes e Erres: Para um Léxico de Usos Idiomáticos – Português-Inglês-Xichangana/With All the Bells and Whistles – Towards a Lexicon of Idiomatic Usage – Portuguese-English-Shangaan/Kudlanya Nsuna ni Bawa – Ta kukongoma marito ya kufambelana ni kutirhisa svivulavulelo – Xiputukezi-Xinghiza-Xichangani* de Lopes, A. J., Mabasso, E. e Langa, P. (2016). Intervenção convidada por ocasião do lançamento do livro em 14 de Dezembro de 2016, na Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

LOPES, A. J. As missangas da comunicação: Moçambique no espaço ibero-americano. *Comunicação plenária convidada ao II congresso mundial da comunicação ibero-americana*. Universidade do Minho, Braga, Abril de 2014.